



BORGES-DUARTE, Irene. *Cuidado e Afectividade em Heidegger e na análise existencial fenomenológica*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: NAU Editora; Lisboa: Editora Documenta, 2021. 280 p.

Katieli Pereira<sup>1</sup>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

A obra que ora se apresenta, *Cuidado e Afectividade* (2021), editada e publicada em parceria pela PUC-Rio, Nau e Documenta, integra o segundo número da coleção lusobrasileira de Fenomenologia e Cultura. Sua estrutura divide-se em dez ensaios que, outrora publicados em eventos e periódicos de fenomenologia, foram revistos e aprimorados com o intuito de integrar um único empreendimento. O livro, acrescido de um prefácio escrito pelo professor doutor Edgar Lyra, da PUC-Rio, conta também com o texto inédito *Prelúdio a uma hermenêutica do cuidado*, da autora e professora doutora da Universidade de Évora, Irene Borges-Duarte.

---

<sup>1</sup> E-mail: [katieli.p@outlook.com](mailto:katieli.p@outlook.com)

Ao ocupar-se da análise sobre os fenômenos que contemplam o cuidado e a afetividade na Modernidade, Borges-Duarte elege como ponto de partida a fenomenologia de Martin Heidegger, enriquecendo seu discurso no diálogo com outros expoentes da filosofia contemporânea. Trazendo para o interior de sua obra o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo, por exemplo, Borges-Duarte versa sobre os fundamentos de uma ética do cuidado. Já com Ludwig Binswanger, alude o sentido fundamental do amor e do conceito de *nostridade*. Com Vladimir Jankélévitch, por sua vez, discursa sobre o fenômeno da aventura e do comportamento aventureiro. Além desses autores, aos quais delega especial atenção, Borges-Duarte se remete também ao pensamento de Ortega y Gasset, Sigmund Freud, Medard Boss, Hans Jonas, Michel Foucault, Fernando Pessoa, dentre outros.

Os três primeiros ensaios propõem um aprofundamento sobre o prisma de cuidado (*Sorge*) preparado pela analítica existencial de Martin Heidegger, demonstrando como este pensamento se diferencia da noção corrente de cuidado proposta pela filosofia tradicional, pelos setores da ciência e pelo senso-comum. Traçando um percurso histórico, a autora enuncia como desde o final do século XX a palavra *cuidado* vem paulatinamente adentrando o mundo da vida, adquirindo uma performance teórica distinta daquela apresentada nos séculos anteriores. Isto, pois, na Antiguidade, a ideia clássica do cuidar adotada sobretudo pelos estoicos e epicuristas fundava-se na atenção devotada ao próprio corpo e a alma, isto é, na atenção devotada a si em busca do bem viver. Aqui, pouco se falava em cuidado no caráter de qualidade altruísta.

Já na Modernidade, o pensamento que circunda o cuidado envolve ações que beneficiam a si, mas também ao outro e à natureza. É nesta época que emergem as *teorias do cuidado*, que apreendem este fenômeno como um constructo prático. Cotidianamente fala-se, por exemplo, do cuidado da mãe que nina o bebê nos braços, da pessoa que consola o amigo ou do jardineiro atento aos detalhes. Nos setores das ciências, por outro lado, teoriza-se o cuidado como componente elementar em ações sociais dedicadas ao bem-estar e ao desenvolvimento humano. A medicina, psicologia, educação ou ciências sociais, cada uma a sua maneira, tornam o cuidado um elemento de valorização da prática profissional, tecnicamente aperfeiçoável e capaz de ser ensinado em livros ou eventos acadêmicos. Embora seja inegavelmente importante, não é essa dinâmica de cuidado – que se reduz a ação ou ao comportamento passível de se aprender em cursos – que a autora pretende aprofundar.

Perfazendo um exercício etimológico, Borges-Duarte indica que o sentido de cuidado na língua portuguesa provém de *cogitare*, que quer dizer pensar, interessar-se por ser cauteloso ou preocupar-se com. O cuidar, nesse aspecto, responde ao pensamento diligente com as ocupações do mundo da vida. Atentos ao cuidado, pensamos com cautela antes de falar e agir, nos interessamos verdadeiramente pelo sofrimento do outro ou comportamo-nos de maneira solícita diante de um necessitado, assim, correspondemos ao sentido *cogitare* de cuidado. Embora conservem raízes semânticas distintas, os termos latinos *cura* e *sollicitudo* também apontam para os

## RESENHA

BORGES-DUARTE, Irene. Cuidado e Afetividade em Heidegger e na análise existencial fenomenológica.

caminhos do cuidar. *Cura*, palavra hoje situada ao âmbito da saúde, provém de *quaero*, que quer dizer procurar, buscar ou perscrutar algo com dedicação. Eventualmente, o termo evoluiu para o modo como o compreendemos hoje, com o sentido de curar ou reestabelecer a saúde perdida. Já o termo *sollicitudo*, mais precisamente, corresponde à maneira do cuidado daquele que se move ou se comove por inteiro, do que sente inquietude ou pena pelo outro. Em alemão, traduz-se cuidado como *Sorge*, palavra que contempla os sentidos acima mencionados recuperados do latim.

Este percurso linguístico, detalhadamente trabalhado na obra, mostra-se essencial para a introdução da noção fenomenológica de cuidado. Partindo do caminho etimológico, Borges-Duarte propõe a hipótese de que a compreensão da realidade humana pela via do cuidado conduz à duas acepções fundamentais: de cuidado como pensar atento e comovido daquele que se dedica a contribuir com a manutenção da sanidade da vida; e do cuidado como capacidade de afligir-se pela angústia e inquietude da iminência dos perigos cotidianos.

Para sustentar sua hipótese, Borges-Duarte relembra a Fábula de Higinio, outrora resgatada por Heidegger no parágrafo §42 de *Ser e Tempo* (1927). A história versa sobre o dia em que o Cuidado, ao atravessar um rio e encontrar um terreno de barro, teria utilizado a matéria para moldar e dar forma a uma criatura cujo Saturno nomeou Homem, que quer dizer provindo do húmus, feito de barro. Explorando a alegoria de que é no cuidado que se forja homem, a autora abre um caminho de compreensão do cuidado como *estrutura fundamental* do ser-aí. Pois, a partir da angústia, da inquietude e da preocupação a que todos aflige, o ser-aí é lançando numa dinâmica da existência pelo modo do ser-com os outros e pelo modo de ser-junto a outros entes, dinâmica esta que o submete a um permanente exercício de acolhimento e luta que se funda no cuidado. Em outras palavras, *ser à maneira humana é cuidar*, é ocupar-se do outro assistindo solícito aqueles com quem se convive, é cuidar de si, ocupando-se a cada dia de suas tarefas, missões, obrigações e preocupando-se com o que enseja conquistar. Por fim, *ser à maneira humana é cuidar em geral*, dos entes, do mundo, da natureza, e de todos aqueles que *são* e que *não são* seres-aí.

Ao dedicar-se a esse novo sentido de cuidado, a autora adentra as *dimensões* apresentadas pela analítica existencial acerca do fenômeno, demonstrando o caráter múltiplo da noção ontológica deste existenciário. Embora a experiência cotidiana do cuidado funda-se no estar-ocupado-com, é preciso distinguir a ocupação com *outrem* da ocupação geral com as *coisas*. Detalhando tais distinções, Borges-Duarte indica a progressão do pensamento de Heidegger acerca do cuidado desde as elocubrações expostas em *Ser e Tempo* (1927) até as reflexões enunciadas em *Seminários de Zollikon* (1959-1969). Neste último, Heidegger visa adentrar uma perspectiva do cuidar que se vincula ao trato das enfermidades que afetam a condição humana, em postura crítica à relação moderna meramente operativa entre médico-paciente, onde o profissional enxerga o enfermo como um ente fragmentado em busca de tratar as suas partes feridas.

Tendo meditado sobre a noção ontológica de cuidado trabalhada nos três primeiros momentos da obra, a autora adentra a perspectiva fenomenológica da

afetividade (*Befindlichkeit*), estendendo a análise aos sete ensaios seguintes. Com isso, empreende um exercício de diferenciação ontológica acerca da estrutura dos afetos, tematizando posteriormente o que se nomeia pela analítica existencial como *tonalidades afetivas*, contemplando os fenômenos do tédio, angústia e amor. Neste trajeto, para demonstrar que Heidegger não se reduz a um filósofo da angústia ou do tédio, Borges-Duarte investe numa fenomenologia do bom-humor, da aventura, do sossego e do desassossego (estresse).

Em contraposição ao fazer teórico, que comumente compreende os afetos como fenômenos cognitivos que irrompem em emoções ou sentimentos, a afetividade na analítica heideggeriana mostra-se como uma abertura de significação de mundo essencial ao momento inicial da compreensão. É no deixar-se afetar que o *ser* se mostra ao ser-aí, e é por esta via – da afetividade – que a palavra, os gestos e as ações são dotados de sentido. Conduzindo-se neste horizonte, a autora ocupa-se em demonstrar a distinção elementar entre a noção de afetividade sustentada pela tradição metafísica e a apreensão ontológica do fenômeno empreendida por Martin Heidegger. Enquanto na primeira a afetividade é interpretada como traço psíquico ou subjetivo incongruente à objetividade dos entes, no projeto heideggeriano a afetividade tem o caráter de estrutura estruturante do ser-no-mundo. Isto quer dizer que, sendo estruturante, a afetividade é pré-verbal e pré-conceitual, ou seja, qualquer prévia compreensão de mundo está subordinada ao sentir afetivo.

Não obstante, a estrutura dos afetos desagua numa dimensão central do pensamento que medita sobre o ser-aí. Não é por acaso que os primeiros ensaios sobre o cuidado indicam que a angústia abre o ente humano à maneira do cuidar, sendo a angústia, a preocupação e a inquietude afecções que possibilitam ao ser-aí acolher o modo do cuidado. A autora, com isso, prepara uma prévia compreensão acerca da angústia, demonstrando a relação harmônica entre essa tonalidade afetiva e a estrutura ontológica do cuidado. Cabe enfatizar que a angústia, na condição ontológica, não quer dizer angústia diante de algo ou daquele que teme alguma coisa. Aqui, fala-se da angústia diante do estranho, do *nada* que se revela na não-significatividades das coisas quando se dissolvem os referenciais fáticos da existência.

É nesta corrente de pensamento que flui entorno da angústia que autora adentra um exercício de apreensão ontológica acerca do tédio, salientando o aspecto extremado que circunda ambas as tonalidades afetivas. De um lado a angústia, emergindo em estranhamento e fazendo desmoronar a significação das coisas, nos convidando a refletir sobre condição finita da existência. De outro lado o tédio que, como experiência ontológica da indiferença, faz com que tudo pareça sempre o mesmo, tornando o tempo opressivo e provocando uma ojeriza de viver. Perfazendo as dimensões do tédio, a autora assinala a distinção fundamental entre o estar entediado, o entediar-se a beira das coisas e o tédio profundo. Analisando cuidadosa e detalhadamente este caminho, Borges-Duarte nos conduz a refletir sobre como ambas as tonalidades mencionadas abrem o ser-aí para um despertar de mundo e para a apropriação do dom de si.

## RESENHA

BORGES-DUARTE, Irene. Cuidado e Afectividade em Heidegger e na análise existencial fenomenológica.

Pela via da afetividade e seus constituintes fundamentais, uma análise de fenômenos comuns ao nosso tempo é empreendida. Em reverência a Fernando Pessoa, a autora versa sobre as experiências do sossego e desassossego, demonstrando como a solicitação excessiva do mundo contemporâneo, tecnocraticamente planejado, abre o ser-aí para um horizonte de compreensão em que o ente humano só tem sentido quando é produtivo. Este é um modo de abertura inerente ao espírito de nossa época, que subordina o homem a projetar sua existência aos moldes de uma sociedade industrial. Este modo de existir, que nos convoca a adentrar uma dimensão do tempo em que tudo acontece de maneira acelerada, limita a nossa experiência com a contemplação, sufocando-nos, fazendo-nos sacrificar o nosso bem-estar. Uma das consequências mais graves desta convocação é o adoecimento pelo modo do estresse.

Nota-se, a esta altura, o zelo da autora em construir uma narrativa que acolha os fenômenos de nossa época. Por conseguinte, nos tópicos finais do sexto ensaio, a obra nos incita a meditar sobre a arte da demora, da serenidade da vida que se permite o gozo do momento, lançando-se ao sossego. Nos ensaios seguintes, Borges-Duarte dispõe-se a refletir sobre o amor, sobre o bom-humor e sobre a aventura. Ao versar sobre o amor, abarca desde o polêmico embate entre Heidegger e Binswanger acerca do conceito, até a noção ontológica de amor como abertura de compreensão de ser. Nesta perspectiva, o amor não é um fenômeno que cega, mas que faz enxergar. É pelo modo do amor que o ser-aí descansa e se liberta para o júbilo da existência.

A fenomenologia do bom-humor, por sua vez, tematizada por Heidegger sobretudo nos anos 40' e 50', trata de reconhecer a importância da postura positiva, desveladora do dom da alegria. Não se institui, com isso, condicionar o ser-aí a suprimir ou negar a dor e o sofrimento, mas assumir uma conduta otimista *apesar* dos suplícios da vida. Por isso, a sabedoria do bom-humor nada tem a ver com a positividade vulgar da pessoa despreocupada, pois funda-se justamente na preocupação daquele que intenta criar condições para prosseguir com uma existência criativa e serena. Aqui, o bom-humor se apresenta como a disposição reveladora da graça do bem-viver.

Com efeito, para compor o fechamento da obra, a autora dedica-se à apreensão ontológica do fenômeno da aventura. Desenrolando-se numa atmosfera mais intimista, Borges-Duarte nos presenteia com recordações da própria infância, no intuito de exemplificar o fenômeno do comportamento aventureiro sob o olhar ingênuo, mas perspicaz da criança. Nesta perspectiva, a aventura autêntica é aquela que se abre aos mistérios da existência, comum sobretudo na infância. Diferente do jovem aventureiro, que se lança à aventura em busca de reviver uma sensação já antes experimentada, a criança se move na aventura aberta ao encontro do desconhecido, instigada pela imaginação e fantasia. Com o último ensaio, a obra se encerra com um convite para refletir sobre as dimensões da aventura e sua relação com a experiência, com a morte e com a devoção do pensar.

Submetido: 31 de janeiro de 2023

Aceito: 08 de julho de 2023

141